A vocação laical numa família carismática: a experiência dos Salesianos Cooperadores

Comunhão, corresponsabilidade e desafios de uma realidade laical inserida na Família Salesiana

Antonio Boccia

Ex-Coordenador Mundial (2018-2026)

II Assembleia Mundial dos Guanellianos Cooperadores

Roma, outubro de 2026

Caríssimos irmãos e irmãs, bom dia

Desejo antes de mais agradecer ao Presidente e a todo o Conselho Mundial dos Guanellianos Cooperadores por este convite.

Acolho-o com gratidão, mas também com uma certa emoção. Não nasce apenas de uma relação institucional entre duas Associações. Nasce de uma proximidade construída ao longo do tempo com alguns membros do vosso Conselho Mundial. Nasce de rostos, encontros, conversas, estima recíproca. Antes das estruturas estão sempre as pessoas. E muito frequentemente o Espírito começa precisamente assim: através de uma relação simples, que pouco a pouco se torna ocasião de comunhão e de serviço.

Não gostaria que a minha intervenção fosse ouvida como a lição de uma Associação mais antiga a uma mais jovem. Estou aqui para partilhar um trecho de caminho, com as suas luzes e as suas dificuldades. Cento e cinquenta anos não nos tornam mestres: tornam-nos mais responsáveis para com o dom recebido.

A carta-convite confia a esta comunicação três palavras: **comunhão, corresponsabilidade e desafios**. Gostaria de acrescentar uma quarta, que dá sentido às outras três: **missão**.

Acho muito significativo que a preparação da vossa Assembleia tenha começado com um verbo simples e exigente: **escutar**. Antes de definir prioridades e programas para o próximo sexénio, pedistes aos Grupos Locais que contassem a sua experiência, as dificuldades e as esperanças. As respostas vindas de África, Ásia, Europa e Américas foram recolhidas em torno de três âmbitos: pertença, participação e missão.[16] Não estou, portanto, aqui para falar diante de uma página em branco. Entro com respeito numa escuta que já começou.

A comunhão, de facto, não é apenas estar bem juntos. A corresponsabilidade não é apenas distribuir cargos. E os desafios não são apenas problemas a resolver. Tudo se torna claro quando nos lembramos de que uma família carismática existe para uma missão recebida de Deus e confiada à Igreja. É a missão que nos reúne. É a missão que torna necessária a comunhão. É a missão que transforma a participação em corresponsabilidade.

A pergunta que nos acompanhará, então, é muito concreta: **como pode uma vocação laical, dentro de uma família carismática, guardar o dom recebido e torná-lo fecundo no mundo de hoje?**

Dom Bosco e Dom Guanella: uma proximidade que não apaga a originalidade

Este diálogo entre nós não começa hoje. Tem raízes mais profundas. Antes de se encontrarem as nossas Associações, encontraram-se os nossos Fundadores.

Dom Luigi Guanella conheceu pessoalmente Dom Bosco. Em 1875 entrou na Congregação Salesiana e fez a profissão temporária. Viveu em Turim, em contacto quotidiano com Dom Bosco, até novembro de 1876. Foi diretor do Oratório São Luís, no bairro de San Salvario. Em seguida foi enviado a Trinità di Mondovì. A sua experiência na Congregação Salesiana concluiu-se em setembro de 1878, quando regressou à diocese de Como.[4]

Não foi, portanto, um conhecimento ocasional. Foi um verdadeiro tempo de vida, de serviço, de formação e de discernimento. A documentação salesiana recorda uma afinidade profunda entre os dois: o espírito de iniciativa apostólica, a paternidade, o amor pela Eucaristia, por Maria e pelo Papa, a decisão de não permanecer indiferentes diante da pobreza. Na escola de Dom Bosco, Dom Guanella aprofundou uma abordagem educativa simultaneamente amorosa e firme, a vontade de prevenir o mal e o impulso de uma grande caridade apostólica.[4]

Dom Guanella escreverá mais tarde palavras muito belas: «Estando com Dom Bosco, parecia-me estar no Paraíso». E, muitos anos depois, definir-se-á seu «devoto admirador e discípulo».[5]

Mas é precisamente aqui que há um ensinamento importante para o nosso encontro. A proximidade entre os dois santos não produziu uma cópia. Dom Guanella não se tornou um segundo Dom Bosco. A experiência salesiana ajudou-o a reconhecer mais claramente a sua própria chamada. Paulo VI, na homilia para a beatificação, disse que Dom Bosco foi para ele «grande mestre e amigo» e que, com o ensinamento e o exemplo, o ajudou a determinar a sua vocação de Fundador.[6]

Esta expressão é preciosa: **ajudou-o a determinar a sua vocação de Fundador**. A amizade verdadeira não absorve o outro. Ajuda-o a tornar-se ele próprio. A comunhão entre carismas não produz uniformidade. Faz amadurecer a originalidade de cada um.

Creio que este deve ser também o estilo da relação entre as nossas Associações. A história dos Salesianos Cooperadores pode oferecer-vos perguntas, experiências, critérios. Mas a resposta deverá ser guanelliana. Deverá nascer do dom que o Espírito confiou a São Luís Guanella e da missão de caridade que vos caracteriza.

A comunhão mais fecunda não diz: «Torna-te como eu». Diz: **«Dou-te aquilo que aprendi, para que possas tornar-te mais plenamente aquilo que és chamado a ser»**.

Os Salesianos Cooperadores: uma vocação, não um serviço adicional

Para contar a experiência dos Salesianos Cooperadores devo partir de uma convicção que exigiu muito tempo para amadurecer plenamente: **ser Salesiano Cooperador é uma vocação**.

Não é apenas voluntariado, ajuda às obras ou reconhecimento dado a pessoas generosas. Tudo isto pode ser precioso, mas a vocação do Salesiano Cooperador é algo de mais profundo.

O nosso Projeto de Vida Apostólica afirma:

> *«Comprometer-se como Salesianos Cooperadores é responder à vocação apostólica salesiana, dom do Espírito, assumindo um modo específico de viver o Evangelho e de participar na missão da Igreja».[1]*

Estas palavras contêm o essencial. **Dom do Espírito. Modo de viver o Evangelho. Participação na missão da Igreja.**

O ponto de partida é o Baptismo. Na Família Salesiana há consagrados, ministros ordenados e leigos. Não é uma hierarquia de importância. É uma diversidade de vocações e de serviços. A igual dignidade não é concedida por um superior ou por um conselho. É já dada por Deus no Baptismo.

O Concílio Vaticano II recordou que os leigos são chamados a procurar o Reino de Deus tratando as realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem nas condições ordinárias da família e da sociedade e contribuem, «quase a partir de dentro como fermento», para a santificação do mundo.[2]

O nosso Projeto de Vida Apostólica traduz esta perspetiva com uma expressão simples: **salesianos no mundo**. Diz que os Salesianos Cooperadores leigos vivem o espírito salesiano «nas situações ordinárias de vida e de trabalho com sensibilidade e características laicais».[1]

O advérbio decisivo é **ordinariamente**. A vocação laical não nos leva para fora da vida comum. Envia-nos mais profundamente dentro dela.

A família e o trabalho não são tempo subtraído à missão: são lugares dela. Digo-o também a partir da minha experiência. A gentileza, a escuta e a paciência educativa respiradas em família e no oratório procurei levá-las para o trabalho. O testemunho laical é frequentemente discreto: uma palavra honesta, tempo oferecido a um jovem, uma casa que acolhe, uma competência colocada ao serviço do bem comum. O fermento não coloca o próprio nome na massa. Transforma-a a partir de dentro.

Aqui vejo uma profunda proximidade com o que vós mesmos dizeis dos Guanellianos Cooperadores: o carisma deve ser traduzido quotidianamente em estilo de vida e em prática de caridade evangélica, na família, no trabalho, na sociedade, na Igreja e nas instituições.[12]

A vossa consulta mundial exprime-o através de vozes muito concretas. Do Brasil, a pertença é descrita como entrada na grande Família Guanelliana e participação ativa na missão de São Luís Guanella. Da Índia, a Associação é definida como «uma casa espiritual, lugar de amor e de serviço».[16] Não se trata simplesmente de fazer algo pelos outros, mas de se deixar formar por um estilo que une fé, caridade e responsabilidade.

As palavras são diferentes. As acentuações carismáticas são diferentes. Mas a convicção é comum: **a laicidade não é uma vocação diminuída. É uma vocação com um lugar próprio, uma voz própria e uma missão insubstituível**.

Dentro de uma Família: pertença, autonomia e comunhão

Uma vocação laical inserida numa família carismática vive uma tensão fecunda. Deve guardar em conjunto **pertença e autonomia**.

O primeiro fruto da vossa escuta pode ser resumido assim: **antes de sermos uma organização, queremos ser uma família**.[16] Não uma família ideal, sem dificuldades, mas uma realidade na qual se experimentam oração, apoio recíproco, acompanhamento espiritual e missão partilhada. É significativo que, interrogados sobre a Associação, os Cooperadores tenham falado antes de mais de relações e só depois de estruturas.

Se falta a pertença, a Associação fecha-se em si mesma. Esquece a fonte do carisma e perde o vínculo com os outros ramos da Família. Se falta a autonomia, os leigos permanecem dependentes. São chamados para executar, mas não para discernir. Colaboram em projetos pensados por outros, mas têm dificuldade em sentir-se sujeitos responsáveis da missão.

Na nossa história tivemos de aprender que autonomia não significa independência e comunhão não significa dependência.

O Projeto de Vida Apostólica diz que a Associação dos Salesianos Cooperadores aporta à Família Salesiana os valores específicos da sua condição secular, «no respeito da identidade e autonomia próprias de cada grupo».[1] A Carta de Identidade da Família Salesiana acrescenta que a comunhão na missão não enfraquece a autonomia e a originalidade de cada grupo, mas esclarece-as e reforça-as.[3]

Este equilíbrio não se alcança de uma vez para sempre. Aprende-se na vida concreta.

A dependência nasce quando aos leigos se pede disponibilidade, mas não espaço no discernimento. A autonomia imatura nasce quando um grupo pensa poder prescindir dos consagrados, dos Pastores ou do resto da Família. O caminho é uma **autonomia solidária na comunhão**: cada vocação traz um dom específico e ninguém possui sozinho a totalidade do carisma.

Por isso a palavra **corresponsabilidade** tornou-se central no nosso caminho. Mas devemos compreendê-la bem.

Corresponsabilidade não quer dizer que todos fazem tudo. Não significa apagar papéis, competências e responsabilidades. Não significa sequer multiplicar reuniões.

A vossa consulta usa uma fórmula muito clara: **«Não queremos ser espectadores. Queremos ser corresponsáveis»**. E das Filipinas chega uma síntese que poderia pertencer também ao nosso Projeto de Vida Apostólica: «Somos todos corresponsáveis, de modo diverso, por uma única missão».[16]

Corresponsabilidade significa precisamente isto: **sentir-nos responsáveis juntos pela missão recebida**. Significa passar do «fazer por» ao «pensar com», ao «discernir com», ao «verificar com». Significa partilhar não só as tarefas, mas também as perguntas. Não só a execução, mas também a visão.

O nosso Estatuto afirma que cada Salesiano Cooperador se sente responsável pela missão comum, segundo as próprias condições de vida, competências e possibilidades. E acrescenta que esta corresponsabilidade se expressa na programação, na verificação e na escolha dos responsáveis.[1]

A missão, portanto, não é um capítulo posterior à corresponsabilidade. É o seu critério. **Somos corresponsáveis não para ter mais espaço, mas porque a missão precisa do dom de todos.**

A pergunta não é: «Quanto poder foi distribuído?». A pergunta é: «Os jovens, os pobres, as famílias e as pessoas frágeis foram melhor alcançados porque discernimos e agimos juntos?».

Se a corresponsabilidade não torna mais viva a missão, arrisca-se a tornar-se uma discussão sobre os papéis. Se, pelo contrário, nasce da missão, então também a organização, a formação, a comunicação e a economia tornam-se formas concretas de serviço.

Guardar o carisma: um fogo, não uma biblioteca

No recente Meeting da Região Itália, Médio Oriente e Malta propus uma imagem que desejo retomar também aqui: **guardar um carisma vivo significa guardar um fogo, não uma biblioteca**.[8]

Uma biblioteca conserva-se protegendo os livros do pó, da humidade e do tempo. Um fogo, porém, conserva-se apenas alimentando-o. É preciso acrescentar lenha. É preciso deixar passar o ar. Se o fecharmos numa redoma para o proteger, apaga-se.

Também um carisma pode ser tratado como um objeto de museu. Podemos repetir as palavras do Fundador sem nos deixarmos mais ferir pelas pobrezas que o feriram. Podemos guardar com precisão as formas do passado e perder o movimento do Espírito que as gerou.

A fidelidade carismática não consiste em reproduzir cada resposta dada pelo Fundador. Consiste em deixar-se alcançar pelas perguntas profundas às quais ele respondeu. Dom Bosco viu jovens sós, pobres, sem casa, sem trabalho e sem futuro. Dom Guanella viu a humanidade frágil, abandonada, negligenciada. Ambos se deixaram tocar. Ambos compreenderam que a fé devia tornar-se presença, educação, casa, pão, dignidade, família.

Guardar o carisma significa então receber os mesmos olhos. Significa perguntar-se: **quem corre hoje o risco de ficar sem casa, sem voz, sem vínculos, sem esperança?** Onde estão hoje os jovens abandonados? Onde estão as pessoas frágeis que ninguém vê? Que novas pobrezas pedem não só um serviço, mas uma relação fiável?

O carisma está vivo quando nos torna capazes de ver o que outros não veem e de nos aproximarmos de quem outros evitam.

Neste sentido, os responsáveis não são proprietários do carisma. São seus guardiões. E o carisma não passa apenas através dos superiores, dos presidentes ou dos conselhos. Passa através da comunhão dos discípulos. Passa através da fidelidade concreta de cada pessoa chamada.

Esta é também a razão pela qual a formação é tão importante. Não serve apenas para conhecer a história. Serve para receber um modo de olhar, de sentir e de agir. Os formadores não deveriam limitar-se a explicar o carisma. Deveriam torná-lo percetível na qualidade das relações, na escuta e no modo de acompanhar.

Também sobre isto a vossa escuta oferece uma indicação precisa. A formação permanente é indicada quase em toda a parte como uma prioridade. Do Congo é proposto um percurso humano, cristão e guanelliano; da Província Nossa Senhora de Guadalupe nasce a proposta de uma escola para preparar leigos capazes de guiar e acompanhar outros Grupos.[16] É uma passagem importante: não apenas formar os leigos, mas formar **leigos capazes de acompanhar outros leigos**.

O nosso Projeto de Vida Apostólica recorda, no mesmo sentido, que os Salesianos Cooperadores são os primeiros responsáveis pela própria formação humana, cristã, salesiana e profissional. A Associação apoia este caminho através de pessoas qualificadas e em colaboração com os outros membros da Família Salesiana.[1]

A formação autêntica não enche apenas a mente. **Forma o coração, habilita as mãos e torna mais livre o discernimento**.

O 150.º aniversário: uma graça para toda a Família Salesiana

2026 é para nós um ano particular. A 9 de maio celebrámos os 150 anos desde o reconhecimento pontifício da Pia União dos Cooperadores Salesianos, ocorrido em 1876.

Preparámo-nos para este aniversário com um caminho de três anos. Exprimimo-lo com três verbos: **recordar, renovar, relançar**.[7]

Recordar não para nos refugiarmos no passado, mas para reconhecer a fonte. **Renovar** não só as estruturas, mas a Promessa e a vida. **Relançar** não para fazer mais barulho, mas para reencontrar impulso missionário.

O tema do caminho foi «Um sonho, uma promessa e o futuro». O VI Congresso Mundial, celebrado em Sacrofano de 7 a 10 de maio de 2026, assumiu o lema «Ser fermento para ser fecundos».[7]

Por que razão considero este aniversário **um evento de graça para toda a Família Salesiana**?

Porque nos recordou que o carisma de Dom Bosco, desde o início, cresceu graças a consagrados, ministros e leigos unidos pela mesma paixão educativa. Tornou mais visível a vocação laical e pediu-nos uma conversão: o verdadeiro fruto de um aniversário não é o êxito das celebrações, mas uma vocação mais límpida, uma comunhão mais profunda e uma missão mais corajosa.

Por isso o 150.º não pertence apenas aos Salesianos Cooperadores. Pertence à Família Salesiana, porque mostra que um carisma é fecundo quando gera diversas formas de vida, as mantém unidas e as envia juntas.

Durante o Congresso usámos a imagem do fermento. O fermento é pequeno. Não se coloca no centro. Mistura-se com a massa e quase desaparece. Mas, se está vivo, transforma tudo.

Esta é talvez uma das imagens mais verdadeiras da vocação laical. O leigo vive misturado com a vida de todos. Partilha os mesmos horários, as mesmas preocupações familiares, as mesmas responsabilidades profissionais, as mesmas dificuldades sociais. Não observa o mundo de fora. Habita-o. E é precisamente a partir de dentro que pode levar a força do Evangelho.

Os desafios do sexénio 2026–2032: a prova do quotidiano

O VI Congresso Mundial abriu o caminho do sexénio 2026–2032. O Conselho Mundial já identificou sete linhas a traduzir no Plano de Animação e nas opções dos territórios: jovens protagonistas; espírito de família; identidade salesiana; corresponsabilidade sinodal; formação; missão e incidência social; autonomia e sustentabilidade.[9]

Não desejo apresentar aqui um programa. Quero antes partilhar uma convicção que as mantém unidas: **o futuro da Associação joga-se no quotidiano**.

A mensagem conclusiva do Meeting recordou que o futuro depende da qualidade da vida evangélica e das relações.[11] O Manifesto diz-o assim: «A alegria do Evangelho transmite-se antes de mais com a vida de cada dia».[10] Uma vocação laical torna-se credível quando o Evangelho entra no trabalho, na educação, no uso do dinheiro e da tecnologia, nos conflitos e no cuidado das relações.

O primeiro desafio, portanto, é **uma identidade que se torna testemunho**. Não basta saber quem somos. É preciso que alguém possa encontrar, através de nós, um traço da bondade de Deus. Do Congo chegou uma frase muito eficaz: «A caridade não se prega antes de mais. Vive-

se, e depois difunde-se».[16] A gentileza, a capacidade de escutar, a esperança, a honestidade e a atenção aos últimos não são virtudes menores. São a linguagem quotidiana do carisma.

O segundo desafio é **a formação permanente**. O mundo muda rapidamente. Pensemos na cultura digital, na inteligência artificial, nas transformações do trabalho, nas novas fragilidades afetivas, nas guerras, nas migrações, na solidão. Não podemos enfrentar realidades novas com respostas aprendidas de uma vez para sempre. Precisamos de uma formação enraizada no Evangelho e no carisma, mas também capaz de ler o tempo presente.

O terceiro desafio diz respeito **às novas gerações**. Em muitas partes do mundo a nossa Associação vive o envelhecimento e a dificuldade da renovação geracional. Não resolveremos o problema com uma campanha de recrutamento. Os jovens não devem tornar-se a substituição necessária para manter as nossas estruturas. Devem encontrar espaços nos quais possam ser escutados, propor, decidir, experimentar e também errar.

O Manifesto pede-nos para habitar os lugares dos seus dias: o oratório, a universidade, o trabalho e os espaços digitais.[10] Gostaria de sublinhar o verbo **habitar**. Não basta organizar iniciativas para os jovens. É preciso partilhar com eles um trecho de vida. A presença precede o projeto.

O quarto desafio é **a comunhão real**. Numa Associação mundial falamos línguas diferentes e vivemos situações culturais, sociais e políticas muito distantes. Do Congo recebestes uma expressão simples: «Comunicar significa criar comunhão».[16] A comunicação digital ajuda-nos, mas não cria automaticamente vínculos. Torna-se comunhão quando permite que as experiências circulem, que as realidades mais frágeis não fiquem sozinhas e que as decisões amadureçam através de processos participados.

O quinto desafio é **a saída missionária**. Precisamos de Centros Locais vivos, mas um Centro não pode tornar-se um refúgio. A vida associativa sustém a missão; não a substitui. A fidelidade ao Centro Local é importante precisamente porque evita que o apostolado pessoal se torne isolado e mantém cada iniciativa em sintonia com a comunidade mais ampla. Ao mesmo tempo, o Centro permanece fiel ao carisma apenas se olha para além de si mesmo.

A missão começa onde as pessoas já vivem. Começa nas famílias feridas, nos locais de trabalho, nas escolas, nas periferias, nas paróquias, nos lugares informais, nas instituições e nos espaços digitais. A vossa escuta nomeia pobrezas materiais, solidão, dificuldades familiares, mal-estar juvenil e novas formas de exclusão. E pede uma caridade feita de presença, escuta, proximidade fraterna e acompanhamento. Do Congo nasce até a imagem de pequenas **«células da caridade»**, capazes de identificar as necessidades do território e coordenar respostas concretas.[16]

O sexto desafio é **a capacidade de fazer rede**. Nenhuma família carismática pode responder sozinha a todas as pobrezas. Fazer rede com os outros grupos da Família, com a Igreja local, com as instituições e com as realidades sociais não enfraquece a identidade. Põe-na à prova e torna-a mais fecunda.

Todos estes desafios têm um ponto comum: não pedem antes de mais pessoas extraordinárias. Pedem pessoas fiéis. Pessoas capazes de transformar um gesto ordinário em presença evangélica.

A juventude dos Guanellianos Cooperadores: uma graça, não um limite

Quero agora dirigir-me diretamente a vós.

A vossa realidade associativa é mais jovem do que a dos Salesianos Cooperadores. Mas é preciso precisar bem esta afirmação. A colaboração dos leigos pertence às raízes da obra de Dom Guanella. A configuração estatutária da Associação é, porém, mais recente: o primeiro Estatuto foi promulgado em 1999 e o reconhecimento eclesial como obra pertencente à Família Guanelliana chegou em 2003. O Estatuto geral de 2015 consolidou um caminho já internacional.[13]

Hoje sois cerca de **860 Cooperadores**, articulados em cinco Províncias e cinco Coordenações internacionais ou nacionais, presentes em África, Ásia, Europa e Américas.[16] Não é um número para exibir, mas o sinal de uma família já realmente mundial. Culturas e situações eclesiais diferentes falam linguagens diversas e, todavia, na escuta voltam as mesmas palavras: família, vocação, formação, corresponsabilidade, comunhão, testemunho e missão.

Tendes, portanto, **raízes antigas e uma forma associativa jovem**.

Isto não deve gerar reverencialidade para com Associações com uma história mais longa. Podeis escutar a nossa experiência, mas não deveis imitar as nossas formas. E, sobretudo, não deveis pensar que a maturidade se mede pelo número de anos.

Uma Associação antiga pode ter estruturas sólidas, mas tornar-se lenta ou nostálgica. Uma jovem pode ter fragilidades organizativas, mas possui liberdade e capacidade de experimentar. O belo da vossa juventude é que **muitas coisas ainda não estão rígidas**: podeis acolher a sabedoria da nossa experiência sem reproduzir as suas formas e os seus erros.

A juventude, porém, não é apenas entusiasmo. Pede um trabalho de sedimentação. Pede uma identidade clara, uma formação séria, regras conhecidas, processos participativos, continuidade nas passagens de responsabilidade e laços reais entre o nível local e o mundial. O magistério da Igreja lembra que uma realidade agregativa nascida de um carisma precisa de tempo para passar do entusiasmo inicial a uma configuração estável.[14]

Estabilidade não significa rigidez. Significa criar as condições para que o dom continue mesmo quando mudam as pessoas.

Entre estas condições, a vossa escuta atribui um valor particular à **Promessa**. Em vários países ela é percebida como o gesto que torna pública e concreta a escolha vocacional. Alguém propôs até um dia mundial para a renovar juntos.[16] A Promessa não é uma cerimónia para recordar: é uma palavra dada que pede para se tornar vida quotidiana.

O vosso Estatuto diz uma coisa muito forte: com as Filhas de Santa Maria da Providência e os Servos da Caridade, também os Cooperadores são **portadores do carisma**; unidos pelo vínculo da caridade, constituem o terceiro ramo da Família Guanelliana.[13]

Tomai a sério estas palavras. Ser portadores do carisma não significa possuí-lo. Significa recebê-lo, vivê-lo e oferecê-lo. Significa levar à Família Guanelliana o dom específico da condição laical. Significa não ser apenas braços disponíveis nas obras, mas olhos capazes de

ler o mundo, competências, relações, presença nos lugares nos quais religiosas e religiosos não podem estar do mesmo modo.

A vossa juventude oferece-vos uma possibilidade preciosa: construir desde o início uma corresponsabilidade não defensiva. Uma corresponsabilidade na qual cada ramo saiba dizer com clareza o que pode dar e o que deve receber dos outros.

Aos Salesianos Cooperadores a longa história ensinou que a passagem mais difícil é muitas vezes a de **colaborar** para **sentir-se corresponsável**. Pode colaborar-se mesmo ficando de fora. Torna-se corresponsável quando a missão de toda a Família é sentida como própria.

Para vós esta missão tem o rosto da caridade guanelliana. Tem o rosto dos pobres, das pessoas frágeis, de quem vive o abandono, de quem precisa de se sentir acolhido como filho e como irmão. A vossa maturidade associativa não se medirá antes de mais pelo número de grupos ou pela perfeição das estruturas. Medir-se-á pela capacidade de tornar esta caridade presente, credível e geradora nos diferentes contextos do mundo.

Algumas recomendações fraternas

Permiti-me recolher o que foi dito em algumas recomendações simples. Não são receitas. São perguntas nascidas da nossa experiência.

Continuai a escutar antes de programar. A escuta não foi apenas a primeira fase de preparação da Assembleia. Pode tornar-se um estilo estável: escutar a Palavra, as pessoas, os Grupos Locais, as diferenças culturais e sobretudo quem vive a fragilidade. Um programa nascido da escuta será talvez menos rápido, mas mais partilhado e mais próximo da vida.

Guardai o primado do carisma. Antes dos papéis, antes das estruturas, antes das discussões sobre a autonomia, há um dom do Espírito. Voltai muitas vezes à pergunta: que olhar sobre a pessoa frágil nos entregou Dom Guanella? Que imagem de Deus? Que estilo de relação? Que urgência de caridade?

Cultivai uma formação que toque a vida. Não formeis apenas peritos em textos guanellianos. Formai pessoas capazes de sentir, discernir e agir com o coração de Dom Guanella. Uni a Palavra de Deus, o carisma, a vida eclesial, a doutrina social, a competência educativa e a leitura das novas pobrezas.

Dai às novas gerações espaço real. A nossa experiência sugere que não vos limiteis a convidar os jovens para os escutar. Pedi-lhes que vos ajudem a compreender o mundo que habitais juntos e confiai-lhes responsabilidades verdadeiras. Acompanhai-os com confiança, sem vos substituirdes a eles, e aceitai que algumas formas mudem para que o fogo continue a arder.

Vivei a corresponsabilidade como cultura. Não a limiteis aos conselhos. Deve entrar no estilo quotidiano: informações partilhadas, escuta recíproca, decisões fundamentadas, verificação comum, confiança, possibilidade de exprimir um dissenso sem romper a comunhão.

Permanecei ligados aos grupos locais e, ao mesmo tempo, respirai o mundo. O grupo local sustenta a vocação e impede o isolamento. A dimensão mundial impede de absolutizar os próprios hábitos. Encontros, geminações, intercâmbio de experiências e uma comunicação

participada podem transformar uma soma de Grupos numa rede de comunhão. As duas pertenças precisam uma da outra.

Deixai que a missão verifique tudo. Uma estrutura é útil se sustenta a missão. Uma formação é boa se nos torna mais capazes de servir. Uma comunicação é eficaz se constrói laços e alcança quem está longe. Uma corresponsabilidade é autêntica se os pobres, os jovens, as famílias e as pessoas frágeis recebem mais atenção, dignidade e esperança.

Conclusão: raízes, asas e um caminho partilhado

Caríssimos irmãos e irmãs, comecei agradecendo-vos por um convite nascido de relações pessoais. Gostaria de concluir voltando à mesma convicção: Deus faz crescer as famílias carismáticas através de vínculos verdadeiros.

Dom Bosco e Dom Guanella conheceram-se. Estimaram-se. Partilharam um trecho de caminho. Dom Bosco foi para Dom Guanella mestre e amigo. A experiência salesiana, concluída quando o bispo de Como o chamou de volta à diocese, ajudou-o a reconhecer mais claramente o caminho ao qual Deus o chamava.

Talvez esta seja a imagem mais bela a entregar ao nosso encontro: **uma proximidade que gera liberdade, uma comunhão que fortalece a identidade, uma fraternidade que abre à missão**.

Nós, Salesianos Cooperadores, celebramos 150 anos. Agradecemos por uma história que nos deu raízes. Mas sabemos que as raízes não servem para ficar parados. Servem para nutrir uma vida que cresce.

Vós, Guanellianos Cooperadores, viveis a beleza de uma realidade associativa jovem. Não olheis para a nossa história com temor ou com reverencialidade. Olhai para ela com liberdade. Acolhei o que vos pode ser útil. Deixai de lado o que não pertence ao vosso chamamento. Sobretudo, tende confiança no dom que o Espírito também confiou a vós.

A síntese da vossa escuta diz que o rosto dos Guanellianos Cooperadores no mundo tem «muitas cores, mas um só coração».[16] É uma imagem bela para esta Assembleia: não apagar as diferenças, mas reconhecer nelas o mesmo carisma e a mesma paixão por quem é mais frágil.

Não vos é pedido que vos torneis semelhantes aos Salesianos Cooperadores. É-vos pedido que vos torneis cada vez mais plenamente Guanellianos **Cooperadores**.

Sede guardiões de um fogo, não de uma biblioteca. Sede uma presença laical capaz de levar a caridade guanelliana à família, ao trabalho, à sociedade e à Igreja. Sede corresponsáveis não para ocupar um espaço, mas para que nenhum dom se perca e nenhuma pessoa frágil seja esquecida.

O futuro de uma família carismática não depende antes de mais das suas estruturas. Depende da qualidade evangélica das relações, da clareza da vocação e da coragem da missão.

O testemunho da caridade foi definido como «a grande profecia dos tempos presentes».[15] É uma palavra que sinto profundamente guanelliana e, ao mesmo tempo, capaz de nos unir.

Que o Senhor nos torne suficientemente unidos para nos apoiarmos, suficientemente distintos para nos doarmos reciprocamente aquilo que somos e suficientemente humildes para servirmos onde a vida é mais frágil.

Obrigado pela vossa escuta e bom caminho para todos nós.

Referências

[1] Projeto de Vida Apostólica – Estatuto da Associação dos Salesianos Cooperadores — https://www.asscc-mondiale.org/webSite/wp-content/uploads/2023/06/PVA_Statuto.pdf

[2] Concílio Vaticano II, Lumen gentium, n. 31 — https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_it.html

[3] Carta de Identidade da Família Salesiana de Dom Bosco — https://www.sdb.org/es/Familia_Salesiana/Documentos/Documentos/Carta_d%C2%B4Identit%C3%A0_della_Famiglia_Salesiana_di_Don_Bosco_es

[4] Salesianos de Dom Bosco, Luigi Guanella – Santidade Salesiana — https://www.sdb.org/it/Santita_Salesiana/Santi/Luigi_Guanella

[5] Luigi Guanella, Pensamentos sobre Dom Bosco – edição crítica — https://www.intratext.com/ixt/ITA0614/_P24O.HTM

[6] Dicastério para as Causas dos Santos, São Luís Guanella — https://www.causesanti.va/it/santi-e-beati/luigi-guanella.html

[7] Associação dos Salesianos Cooperadores, VI Congresso Mundial 2026 — https://www.asscc-mondiale.org/webSite/congreso-mundial-2026/

[8] Antonio Boccia, Guardar o carisma vivo: ser fermento no mundo — https://drive.google.com/file/d/1VpduChz9IzMPOo_Q8ALc_Htz2M_WsoEI/view

[9] Borja Pérez, Rumo ao futuro com esperança – Linhas do sexénio 2026–2032 — https://www.asscc-mondiale.org/webSite/wp-content/uploads/2026/08/Relazione-Verso-il-futuro-con-speranza.pdf

[10] Associação dos Salesianos Cooperadores, Região Itália–Médio Oriente–Malta, Manifesto para o futuro — https://drive.google.com/file/d/1NF1-EIDIL49NJu32N8CGgmJA1B41b8vc/view

[11] Recomecemos a partir de Sacrofano: juntos, com esperança, atraídos pelo seu amor misericordioso — https://www.salesianicooperatori.eu/news/lettera-del-consigliere-mondiale-italo-canaletti-2/

[12] Obra Dom Guanella, Guanellianos Cooperadores — https://www.operadonguanella.it/la-famiglia-guanelliana/guanelliani-cooperatori

[13] Estatuto geral da Associação Guanellianos Cooperadores, Roma 2015 — https://www.operadonguanella.it/attachments/article/234/STATUTO%20COOPERATORI.pdf

[14] Congregação para a Doutrina da Fé, Iuvenescit Ecclesia — https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160516_iuvenescit-ecclesia_it.html

[15] João Paulo II, Discurso aos participantes no Capítulo geral dos Servos da Caridade, 29 de janeiro de 2000 — https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000129_don-guanella.html

[16] Guanellianos Cooperadores, As vozes dos Guanellianos Cooperadores no mundo – Fase 1: Escutar, setembro de 2026, documento interno